nós porões da DOI-Codi, confirmou o relato que fizera ao tio Paulo, oferecendo-se até, para depor em Juiz de Fora.

Não sei se Sônia foi direta para o DOI-Codi do Rio de Janeiro ou se foi torturada e morta, num sitio da Zona Sul de São Paulo, conforme revelou o ex-sargento Marival Dias Chaves do Canuto em entrevista à revista Veja, em novembro de 1992. Ele afirmou que havia visto Sônia morta. A informação desse ex-agente do DOI-Codi de São Paulo, com 16 anos de serviços prestados ao regime, é discutível: por que seria ela a única pessoa a ver Sônia morta? Segundo seu relato, ela teria sido torturada por centros clandestinos de torturas e assassinatos montados pelo regime.

Logo depois da morte de Sônia, disseram-me, no DOI-Codi de São Paulo, que minha filha fora atingida por engano, pois a intenção era prender Moema e São Thales, ex-militante da AUN, ex-namorada de Lana e sobrinha do senador Virgilio Távora. A verdade é que Sônia morreu porque era este o destino reservado a todos os exilados que voltavam ao Brasil. Além disso, vivia com Lana, odiado pelos militares porque sempre consegui escapar aos cercos policiais armados contra ele. Minha filha estava "marcada para morrer".
OS CASACOS BEGE E A FOTO

Em 1981, um coveiro do cemitério Dom Bosco, em Peruvi, onde Sônia fora enterrada, perguntara se minha filha tinha cabelos crespos e avermelhados. Quando Cléa respondeu que sim, ele afirmou que a tinha visto e que o seu corpo chamara atenção dos que ali trabalhavam no dia do seu sepultamento. Ao contrário dos demais corpos de indigentes (que eram enterrados despidos), o de Sônia trazia um casaco bege, que teria motivado uma disputa entre os coveiros. Por que o corpo de minha filha estava coberto com um casaco? Porque o casaco estava escondendo seus seios mutilados.

Tentei falar novamente com tal coveiro, mas não foi possível; ele estava bebendo muito. Acreditei, porém, no seu relato, porque as informações colhidas posteriormente se complementavam.

Existe uma história intrigante relacionada ao estigma dos casacos bege. Dei a Lana um casaco desta cor, que poderia ser o mesmo encontrado no corpo de Sônia, embora ela tivesse sido presa com outra roupa. Este dado induz à lembrança de que Stuart foi preso com um casaco bege, também presentemente por mim.

Fiz outra constatação. Cléa esteve no consultório do legista Harry Shibata, em São Paulo, em 1983, acompanhada de Moema São Thiago. Num fotografia, viu o orifício de bala em Sônia, morta. Quando o legista mostrou a foto, Cléa sofreu um impacto e não reconheceu a filha de imediato — primeiro, porque não a via há 10 anos, e as pessoas mudam de fisionomia quando mortas; segundo, porque, de acordo com documentos do Instituto Médico-Legal (IML) de São Paulo, Sônia vestia uma blusa branca bordada, que minha mulher conhecia, e não aquela que aparecia na foto em poder do legista, com um desenho de Mickey Mouse. Cléa acabou identificando Sônia a partir do detalhe da sobrancelha, que era fina.

Nesse mesmo dia, Shibata revelou a Cléa que fora o delegado Romeu Tuma, o então todo-poderoso xerife da Polícia Federal, que mandara a foto para ele. Essa fotografia foi, depois, obtida por Suzana Lisboa — ex-militante da ALN e viúva de Luiz Eurico Tejera Lisboa, estudante desaparecido em 1972. Ela a descobriu nos arquivos do DOPS de São Paulo, e nos enviou. Era uma prova, mais do que evidente, dos flagelos físicos a que submeteram minha filha.
encontrava, entre outras pessoas, o advogado Luiz Eduardo Greenhalgh.

Nossas investigações nos levaram a conversar com os empregados e moradores do prédio em que Lana e Sônia moravam, com o quitanheiro, com vários militantes, enfim, com todos que pudesse ajudar-nos a elucidar os últimos acontecimentos da vida de nossa filha.

Em 1983, resolvi procurar o legista Harry Shibata porque soubera que ele teria fotografias de minha filha morta e que as mostrara a uma repórter da revista Veja. Embora duvidasse da veracidade da informação - a jornalista não descobriria Sônia com exatidão, quando João e eu a procuramos para conversar, precisava ver aquelas fotos.

Desta vez fui ao consultório do médico Shibata com a advogada Moema São Thiago, ex-deputada federal pelo PDT, no Ceará. Moema, que também namorou Antônio Bicalho Lana e integrou a ALN, encorajara-me a desmascarar o médico que assinara o laudo necroscópico de Sônia Maria.

Ao ver o doutor Shibata, rosto largo, olhos de japonês atrás das lentes de óculos, fala pausada e a atitude neutra de quem procura manter-se distante, me dei conta de que me encontrava diante do homem que teria feito a autópsia em Sônia e constatado todas as suas marcas de tortura.

Estava angustiada, nervosa, mas precisava manter a calma. Conseguir falar com a repórter, através de uma jornalista, que ele teria fotografias de minha filha morta e que queria vê-las. O legista confirmou ter as fotos e que as receberia do ex-diretor da Polícia Federal, Romeu Tuma.

Saí da sala, voltando em seguida com três fotografias. A primeira era do lado direito do rosto de Sônia, em que não aparecia o tiro. Ela estava bonita, serena. As outras duas, porém, focalizadas de baixo para cima, era impressionantes, mostravam com nitidez o orifício de bala.

Fiquei de tal forma chocada com o que vi que agarrei-me às fotos e afirmei que aquela não era a minha filha. Estava perturbada e não conseguia - ou "não queria" - reconhecê-la. O detalhe da sobrecamisa fina, porém, levou-me a identificá-la.

Enquanto isto, Moema conversava com o médico. Dizia que gostaria de ver as fotografias de Lana, que provavelmente fora executado com a Sônia, pois estavam juntos quando receberam ordem de prisão. Shibata não tinha fotos do companheiro de Sônia, mas disse à Moema que tentaria ajudá-la neste sentido.

Eu me delivi na fotografia que mostrava parte do lado direito de Sônia, vestida com uma blusa com desenho de Mickey Mouse. Dizia que minha filha jamais usaria blusa como aquela - nos registros do IML constava que ela fora presa com calça de brim azul e blusa branca com bordado inglês.

O legista nada dizia, apenas me olhava, talvez esperando que chorasse. Mas não derramei uma lágrima, embora estivesse muito emocionada. Seu objetivo, possivelmente, seria mostrar-me as fotografias de Sônia com o tiro, para livrar-se de qualquer culpa por ter omitido no laudo as evidências de tortura. Como aquele momento se prolongava, Moema tirou-me as fotos das mãos e tentou extrair informações de Shibata, perguntando se ele não via em Sônia nenhum sinal de tortura. O legista respondeu que não. E acrescentou: "há torturas que não deixam marcas".

Antes de sairmos do gabinete, o legista sugeriu que meu marido o procurasse para mostrar-lhe, também, as fotografias de Sônia. João nunca teve vontade de encontrar-se com ele e ficaria preocupada se isso acontecesse, pois um enfrentamento com Shibata seria mais uma experiência desgastante.

Através do advogado José Roberto Leal tentamos, de todas as formas, esclarecer a morte de Sônia e provar a responsabilidade do legista na fraude do laudo necroscópico. O processo, porém, foi arquivado, sob
JOÃO LUIZ DE MORAES

O Calvário de Sônia Angel

Una história de terror nos porões da ditadura

NARRATIVA A AZIZ AHMED